

Lugares virtuais

João Pedro Aido

afc.dge.mec.pt/praticas/opcoes-curriculares

Exemplos de práticas de autonomia e flexibilidade curricular.

coracaoduplo.blogspot.com/2019/07/entrevista-miguel-tamen.html

Entrevista a Miguel Tamen, “Manifesto opositor do acordo ortográfico, da auto-indulgência, do paternalismo do Estado e das instituições, das grandes convicções pessoais como da pedagogia dos chamados grandes valores estéticos. A sua ideia de universidade é democrática, iconoclasta e crítica, no sentido revolucionário da palavra. Vá-se lá saber se este espírito extraterrestre conseguirá atingir o solo.”

Sobre a identidade nacional como forma de comparação, diz Tamen:

Não me sinto nada tentado a fazer comparações do género: nós cá e eles lá. Há muito tempo ouvi a história de uma pessoa a orgulhar-se da sua educação cosmopolita, de ter lido Stendhal e de ter ido ao Prado. E houve alguém também presente que lhe perguntou: “Operado a quê?” Acho a pergunta perfeita.

Outro excerto:

Começa cada novo semestre e cada conferência, dizendo aos auditores: ‘São estes os artigos que tenho; alguns eu acho que são muito importantes — e vou explicar porquê. O resto é convosco.’

Justamente. Porque há uma parte muito importante do ensino que se passa nas cabeças dos alunos. E, portanto, o professor não deve explicar ou fazer tudo, mas deve esperar que os alunos façam qualquer coisa. Há uma frase que também cito, do Saul Bellow: ‘Eu ensaboo, vocês barbeiam.’

Sou alérgico à noção de discípulo, à ideia de que a excelência de um aluno é medida pela maneira como ele se parece com os professores que teve. O melhor que pode acontecer a um ex-aluno meu é pensar pela sua própria cabeça e ir por aí fora, sem pedir satisfações a ninguém.

Ou ainda:

O reconhecimento do talento de pessoas cujo conhecimento não podemos medir deixou de ser possível na universidade?

Eu diria que não há consequências da admiração. Do facto de eu admirar muito uma pessoa não se segue quase nada na universidade, pelo menos nas Humanidades. E esse é um problema muito sério.

Pode dar exemplos na área da crítica literária?

Um deles é o de William Empson, talvez o maior crítico literário do século XX, que teve muitos problemas nas universidades em que deu aulas. Hoje, Paul de Man ou Harold Bloom não teriam qualquer hipótese de arranjar um lugar numa universidade.

O caso de George Steiner é uma exceção.

Steiner não é nem crítico literário, nem filósofo... Sabe, não tenho admiração nenhuma por ele.

Não? Porquê?

Acho-o um fala-barato. Dá-nos sempre a impressão de que sabe coisas que não sabe.

P

E isso é alimentado por quê? Pela aura de intelectual judeu, poliglota...

É alimentado pelo modo misterioso como fala de coisas que não são nada misteriosas.

dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/16825/1/Alves%20Limite%202015.pdf

Um ensaio de Hélio Alves, da Faculdade de Letras de Lisboa, sobre ‘a fortuna crítica de Camões, em modo *post-scriptum*’.

arquivos.rtp.pt/conteudos/o-escritor-prodigioso/

Documentário de Joana Pontes (cf. Em Destaque) sobre a vida e a obra do poeta e romancista Jorge de Sena, o escritor prodigioso, baseado em testemunhos da sua viúva Mécia de Sena e de algumas personalidades que com ele se cruzaram: Fernando Lemos, Hélder Macedo, José Saramago, José-Augusto França, Eduardo Lourenço e João Bénard da Costa.

ionline.sapo.pt/artigo/614575/jorge-fazenda-lourenco-a-posteridade-de-jorge-de-sena-esta-nas-maos-de-cada-um-de-nos-?seccao=Mais

Entrevista a Jorge Fazenda Lourenço (cf. Em Destaque), que refere que “a posteridade de Jorge de Sena está nas mãos de cada um de nós”.

Pode o livro *Azares da Poesia*, de Fazenda Lourenço, também ser lido como um autorretrato? O autor responde:

Sim, ainda que um auto-retrato provisório, uma vez que ele é a fixação de um instante, ou melhor, de uma intermitência de momentos discursivos, cuja necessidade é ditada pelo acaso. O momento de me olhar e perceber que, passados os 60 anos, eu sou aquilo que os meus poemas, incluindo as minhas traduções de poesia, e os meus ensaios fizeram de mim, reconhecendo, ao mesmo tempo, que a construção desse rosto tem sido feita da inter-acção, verificável, dessas duas formas poéticas. O livro é, aliás, um primeiro volante desse auto-retrato de um poeta em construção. O segundo, também constituído por poemas e ensaios, estará mais centrado na figura de Jorge de Sena. Espero poder publicá-lo para o ano [2019], para o centenário do poeta [Sena nasceu a 2 de novembro de 1919, em Lisboa, e faleceu a 4 de junho de 1978, em Santa Bárbara, na Califórnia, EUA.]

www.paginasmovimento.com.br/gil-vicente-mercadores-e-tavernas.html

Página sobre mercadores e tavernas – a tristeza na Lisboa de Gil Vicente, em particular no *Pranto da Maria Parda*.

www.theguardian.com/technology/2019/nov/22/sacha-baron-cohen-facebook-propaganda

Discurso na Liga Anti-Difamação (ADL) do ator e comediante Sacha Baron Cohen, que atacou o Facebook e outras plataformas (Youtube, Google, Twitter...) por permitirem a proliferação de discursos de ódio e desinformação. Baron Cohen apareceu como ele mesmo, e não como uma das suas personagens satíricas e o seu tom foi agressivo ao descrever o Facebook como “a maior máquina de propaganda da

história”. Baron Cohen argumentou que essa empresa, que não analisa a veracidade da propaganda política, teria permitido que Hitler fizesse propaganda nessa plataforma.

www.juliananotari.com

Página da artista visual brasileira Juliana Notari, que tem criado um corpo de trabalhos que transitam entre a biografia, o confessional, a catarse e práticas relacionais em performances, vídeos, instalações e objetos.

ssir.org/articles/entry/the_algorithms_of_fear

Agora vivemos num mundo controlado por algoritmos – programas de computador que tomam decisões e resolvem problemas por nós. Eles determinam os preços das ações e até mesmo os filmes a que assistimos. E, no caso da eleição presidencial de Trump, as empresas de comunicação social usaram algoritmos para provocar nos leitores uma resposta altamente emocional que desencadeou comportamentos destinados a acentuar as diferenças e a ativar medos - em parte, para melhor prender a nossa atenção, mas as pessoas tendem a partilhar mais conteúdos, por exemplo nas redes sociais, se isso as deixa com medo ou com raiva.

www.theycantalk.org/home

Os animais que não são humanos conseguem aprender uma linguagem? They Can Talk argumenta que sim e exemplifica como.

www.technologyreview.com/2020/12/31/1015552/biggest-technology-failures-2020/

Uma página sobre o reverso do sucesso: os grandes falhanços técnicos e tecnológicos de 2020 numa página da *Technology Review* do MIT.

www.rtp.pt/play/p8309/e516990/deus-cerebro

Página de arquivo da série documental portuguesa *Deus Cérebro* – um trabalho brilhante sobre o estado da arte da ciência sobre o cérebro, essa maquinaria das emoções que é inesgotável e está sempre em construção. Daí derivam todas as implicações que ocorrem quando ‘faltam peças’, para parafrasear livremente um dos títulos da série, o que ajuda a perceber alguns dos problemas dos nossos jovens estudantes, sobretudo num contexto em que passam longas horas em frente ao computador, nem sempre pelas razões mais felizes. Por isso diz um dos cientistas: nós não sabemos exatamente o que é a depressão mas a grande questão é: por que razão algumas pessoas ultrapassam essas situações e outras ficam presas a elas durante grandes períodos de tempo? E ainda não há uma resposta para esse problema.

bibliotecariodebabel.com/tag/joan-margarit/

Uma página do Bibliotecário de Babel sobre o poeta catalão Joan Margarit, Prémio Cervantes em 2019 e que “utiliza até ao limite tudo o que aprendeu ao longo da vida”:

Num poema intitulado *O Procurador de Orquídeas*, o catalão Joan Margarit explica que começou «pelo lugar mais sujo da literatura»: nem mais nem menos do que o *Mein Kampf*, com as «palavras de

P

Hitler, tão vulgares», a revelarem «um poço negro». Seguiu-se um acaso feliz:

*Por sorte, choquei com a realidade.
Foi aí que começou a poesia,
nada fácil, sem esperanças.
Eu sempre fiz como o javali,
que busca e, delicado, escolhe e come
o bulbo, chamado orquis, da orquídea.*

Estamos, pois, diante de um autor que assume uma visão pouco lírica da poesia, mais preocupado com as raízes, cheias de terra, do real do que com as flores perfeitas da retórica. «Nada é poético na poesia», diz-se algures neste belo e magoado livro, mas a verdade não é tão simples, porque mesmo nos textos mais duros e desolados, mesmo nos versos com arestas cortantes, o lirismo irrompe, às vezes apenas no contorno de uma imagem surpreendente («dentro de nós, como dentro da música, / rugia o temporal de neve e ferro / que se desata quando a história passa a página») ou na justeza de versos como estes: «Ser velho é a guerra já ter acabado. / Saber onde estão os refúgios, agora inúteis.»

Além das marcas da História, do frio e fome da infância em contraponto com a miséria de hoje («que nem sabe que é miséria»), os poemas lidam sobretudo com a solidão da idade e com a certeza amarga das ausências: a do pai («Não sei se agora nos entenderíamos, / dois homens velhos, cansados e desiludidos»), mas sobretudo a da filha morta, Joana, fantasma que assombra muitos dos poemas com um rasto de tristeza lancinante. Eis um deles:

BAGAGEM

*Quando vamos de viagem, eu e a tua mãe
fazemos as malas em cima da tua cama.
A roupa bem dobrada, os necessários,
os livros, bilhetes e medicamentos,
espalhados mas em ordem.
Todas as viagens começam aqui,
neste espaçoso quarto íntimo
que pintámos de um fúcsia suave
ao saber que tu nunca mais voltarias.
O quarto ganhou raízes que, pouco a pouco,
se tornam profundas dentro da tua ausência.
Fazemos as malas para um comboio nocturno.*

k-punk.abstractdynamics.org

Blogue de Mark Fisher, escritor, crítico, teórico cultural, filósofo e professor na Universidade de Londres. Passou a ser reconhecido sobretudo devido ao seu blogue k-punk no começo dos anos 2000 e ficou conhecido por textos sobre política radical, música e cultura popular (cf. Entrevista a Paulo Faria).

www.youtube.com/watch?v=hx5fmgIpzug

Michael Sandel, um dos mais conhecidos professores de filosofia no mundo, conversa com Elliot Gerson sobre o que definimos como sucesso e sobre a sua tirania – por isso é que a meritocracia cria uma ferida (um *punctum*, diria Barthes) no bem comum. Podemos imaginar um futuro otimista em que este bem comum se sobreponha ao sucesso individual ou esta é mais uma ideia frágil e utópica?

lisboaromana.pt

Sabia que por baixo de Lisboa existem milhares de vestígios de uma civilização milenar? Nesta página podemos explorar o antigo município romano, sobrepor o mapa antigo ao da atual cidade e descobrir histórias e personagens:

As Guerras Púnicas (confronto bélico, em três partes, entre Roma e Cartago, as duas grandes potências económicas do Mediterrâneo à época) desenvolveram-se entre 264 a.C. e 146 a.C.. É no rescaldo da Segunda Guerra Púnica (218 a.C. - 201 a.C.), que ficou famosa pela mítica travessia dos Alpes protagonizada por Aníbal Barca, que Roma passa a controlar a Península Ibérica, até então sob a alçada comercial dos seus inimigos. Em consequência do longo episódio bélico, Roma assume-se como potência dominante no Mediterrâneo, desenvolvendo a partir daí as suas conquistas territoriais iniciadas durante as guerras.

revistacaliban.net

Página da revista *Caliban* – projeto editorial coletivo, multi e interdisciplinar, formado por pessoas de vários países (Portugal, Brasil, Angola, Moçambique) que procuram construir um espaço de reflexão comum, de partilha de ideias e de produção de textos de carácter diversificado, de acordo com a proveniência de cada um (artes, política, literatura, filosofia, entre outros).

Sobre Hermann Broch, escreve Maria João Cantinho:

Dele disse Hannah Arendt ter sido um poeta “à sua própria revelia”. O facto de ter por destino ser poeta, e de não querer sê-lo, transformou-se num dos conflitos centrais da sua vida, inspirando-lhe, ainda, a intriga dramática da sua obra-prima A Morte de Virgílio.

Sobre Clarice Lispector escreve Álvaro Alves de Faria:

Certa vez, em 1943, Clarice Lispector enviou um bilhete a Lygia Fagundes Telles: “Liginha, não sorria tanto. Escritores que sorriem não são levados a sério”. Lygia riu. Não se sabe se Clarice levava isso a sério, mas poucas vezes Clarice Lispector sorriu. O rosto sempre sério, um ar de preocupação. Um ar de ausência. Distância. E isso pode se notar nas cartas que escreveu para familiares e amigos. Muitas dessas cartas, às vezes, mostram um certo humor contido. Otto Lara Rezende, por exemplo, dizia: “Ler as cartas de Clarice é como saborear garrafas de champanhe espumante”.

P

www.makinamekawa.com

Página da pianista japonesa Maki Namekawa, que gravou vários discos com música de Philip Glass, Steve Reich, Arvo Pärt, entre outros, e tocou nas principais salas de concerto e festivais de todo o mundo.

magazine.vinylmeplease.com/magazine/10-best-charles-mingus-albums-own-vinyl/

Os dez melhores álbuns de um músico tão talentoso, original e criativo como Charles Mingus.

www.freundevonfreunden.com/interviews/anja-plaschg/

Freude von Freuden (amigos de amigos) é uma plataforma dedicada à inspiração e à criatividade. Nesta página encontramos uma entrevista à artista austríaca Anja Plaschg, autora do projeto musical Soap&Skin – de que podemos destacar, por exemplo, o álbum *Lovetune For Vacuum*, de 2009.

cocanha.net/qual-sem/

Projeto polifônico e hipnótico de música de dança de Lila Fraysse e Caroline Dufau, que escolheram cantar em occitano no álbum *Puput* e assim, numa recusa deliberada do francês, amplificar (re)percussões do repertório tradicional, reapropriando-se dele de forma poderosa e livre. É um trabalho brilhante, produzido por Raül Refree, músico, compositor e produtor catalão que também vale a pena acompanhar: desde o álbum de fado experimental com Lina (álbum *Lina_Raül Refree*) até trabalhos a solo, em projetos de rock, e com meio mundo, desde Silvia Pérez Cruz a Rosalía, Rodrigo Cuevas, entre muitos outros.